



Editorial

Seja por mero efeito da maior visibilidade na comunicação social, seja porque estão a ocorrer mudanças geológicas e climáticas de fundo, seja por casual acumulação de acontecimentos independentes, a verdade é que têm sido múltiplas e sucessivas as catástrofes humanitárias que reclamam da nossa sensibilidade uma ajuda internacional imediata. São tsunamis, são terremotos, são incêndios, são inundações, são refugiados, são secas, é a fome... Algumas destas catástrofes passam mais ou menos omitidas na comunicação social, sobretudo quando estão fora dos lugares de atracção turística para os ocidentais. Mesmo assim, são imensas as que nos chegam, dilacerantes...

Quem se assume e é reconhecido na sociedade como sensibilizador e canalizador da ajuda humanitária, aos mais diversos níveis, acaba por viver uma certa angústia: percebe que os recursos são poucos para as necessidades, sejam no Paquistão ou no México, mas muitos para quem partilha; ou ao menos sentidos como tal. Aflige sobretudo a frequência das campanhas que seria necessário promover, e a saturação que parece pairar sobre quem dá. Percebe-se até o emergir de algumas desculpas e acusações (tipo "a culpa é dos

americanos que não assinaram o protocolo de Quioto") que no fundo são atribuições catársicas na consciência pessoal.

Haveria que passar de uma mentalidade de "campanhas" a uma mentalidade de partilha permanente. Como "sal" e "luz", haveria que pedir aos cristãos esse tempero e essa iluminação do mundo. Mas estamos ainda muito longe de lá chegar... Restam-nos as campanhas, por mais cansativas que possam parecer.

A Cáritas Portuguesa tem a decorrer até ao final de Outubro mais uma destas Campanhas, agora a favor das vítimas do terremoto de 15 de Agosto no Peru. É uma campanha obrigatória dentro da consciência da fraternidade universal. Ainda estamos a tempo de dar o nosso contributo na conta "Cáritas Ajuda o Povo do Peru", com o nº 0033.0000.4534.1188.3080.5, aberta em qualquer agência do Millennium.

Na multiplicidade das necessidades e na dificuldade em discernir as urgências, a participação em campanhas como esta, promovidas pela organização própria da Igreja para este fim, pode ser um bom critério. Mas não é o último: continuamos a pedir a formação para a partilha!

Objectivos de Desenvolvimento do Milénio

Quando nos encontramos a meio tempo dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM), segundo a proposta das Nações Unidas, fórum do compromisso de 189 países no ano 2000 para conseguir melhorar em quinze anos a qualidade de vida da população dos países menos desenvolvidos, esses objectivos não avançam.

Há menos pobres (só!!! 854 milhões), mas há mais desigualdade na distribuição da riqueza e menos acesso aos meios de produção.

Melhorou a cobertura do ensino primário, ainda que não para cerca de 30% das crianças dos países subsarianos; onde, antes dos cinco anos, morre o dobro dos meninos que no resto do mundo, por doenças de fácil prevenção. De 2000 a 2005 morreram 10 milhões no mundo.

Só uma de cada cinco mulheres recebe um salário pelo seu trabalho. Uma mulher subsariana tem 1 entre 16 possibilidades de morrer no parto, enquanto que uma ocidental só 1 em 3.800.

Na África vivem 46% dos doentes de Sida e 90% das crianças infectadas. No entanto, as marcas detentoras das patentes impedem o acesso aos medicamentos que lhes salvariam a vida.

A ajuda oficial ao desenvolvimento caiu cerca de 25% nos últimos 15 anos, cerca de 5,1% em termos reais entre 2005 e 2006. Relativamente à dívida externa, os países pobres devolvem quatro vezes mais do que receberam. Os tratados bilaterais de livre comércio, liderados pela União Europeia e Estados Unidos asfixiam ainda mais as precárias economias dos países pobres, globalizando a pobreza, a violência e a imigração.

A dimensão profética da caridade leva-nos a "um compromisso activo e operante, expressão do amor cristão a favor dos outros, especialmente dos mais necessitados, e a favor de uma sociedade mais justa e mais fraterna. Esta dimensão da caridade implica, entre outras coisas, recordar os direitos dos pobres; analisar as situações nas quais se calcam esses direitos, denunciar as injustiças que sofrem, aportar as orientações oportunas e colaborar para levar a cabo as mudanças necessárias".

É hora de continuar a agir e a pedir aos governos que se comprometam de modo efectivo e responsável com os Objectivos do Milénio. O seu cumprimento dependerá sobretudo da capacidade da comunidade internacional para gerir os bens do mundo com equidade e solidariedade. Estamos a meio do caminho. Muitos irmãos e irmãs estão à nossa espera.

(Rev. Cáritas, Espanha, nº 485)

Reuniões de Arciprestado

Como tem acontecido nos anos anteriores, a Cáritas promove nos meses de Outubro e Novembro reuniões a nível de arciprestado para Grupos Paroquiais de Acção Social e pessoas ou associações de fiéis vocacionadas para esta área pastoral.

São reuniões que visam dois objectivos principais: a sensibilização e a partilha da programação entre os Grupos. Em ordem ao objectivo da sensibilização, este ano vamos insinuar particularmente na relação entre a Eucaristia e a Caridade. Como se sabe, depois da Encíclica *Deus é amor*, Bento XVI publicou uma Exortação Apostólica sobre a Eucaristia, um documento que nasceu da reflexão sinodal sobre este sacramento.

A Cáritas pede especialmente aos párocos a motivação dos Grupos Paroquiais, criados ou a criar, para participarem.

No início de Outubro estão já confirmadas as seguintes reuniões:

Arganil - 22 de Outubro, no Salão Paroquial de Arganil, às 21.00h;

Mortágua - 23 de Outubro, às 21.30h, no Salão da casa paroquial de Mortágua;

Mira - 26 de Outubro, às 21.00h, no salão da Igreja de Mira;

Cantanhede - 29 de Outubro, às 21.00h, no Salão Pastoral Paroquial de Cantanhede;

Mealhada - 30 de Outubro, às 21.00h, no Salão da Igreja da Mealhada;

Pombal - 5 de Novembro, às 21.00h, no Salão paroquial de Pombal;

Tábua - 6 de Novembro, às 21.00h,

no Salão paroquial de Tábua;

Figueira da Foz - 8 de Novembro, às 21.00h, no salão do Seminário Menor;

Ansião - 12 de Novembro, às 21.00h, no salão paroquial de Ansião.

Coimbra-sul - 15 de Novembro, às 21.00h, no Salão paroquial de Pereira do Campo.

Os outros arciprestados serão entretanto confirmados, em datas provavelmente posteriores a estas.

Os grupos poderão entretanto manter-se atentos ao site da Cáritas na Internet (www.caritas.pt/coimbra) onde actualizaremos a informação sobre as marcações ainda não confirmadas.



Temas de Reflexão em torno da *Deus Caritas Est*.

Mais uma vez a Cáritas de Coimbra elaborou um pequeno caderno com "Temas de Reflexão" para os Grupos Sociocaritativos, como instrumento muito concreto de ajuda à fundamentação teórica da sua acção, a ser reflectido nas reuniões ao longo do ano. O presente caderno, sob o título "Se Deus é amor...", pega nalgumas passagens da encíclica *Deus Caritas Est*, e faz sobre a mesma alguns comentários ao estilo habitual dos outros anos, não faltando um conjunto de histórias ilustrativas para cada tema.

A título de exemplo, reproduzimos a reflexão sobre o tema da Justiça.

A relação entre a Caridade e a Justiça, que Bento XVI analisa nos nº 28 e 29 da Encíclica *Deus Caritas Est*, é uma das matérias em que as opiniões mais tendem a radicalizar-se, em que as pessoas, a começar nos cristãos mais comprometidos na vida da Igreja, têm mais dificuldade para manter a serenidade. Talvez por isso, o Papa dedica, antes, dois números (nº 26 e 27) a explicar porque é que isso acontece. No nº 26 apresenta as razões históricas, a partir da Revolução Industrial (fim do séc. XVIII e séc. XIX):

* "A aparição da indústria moderna dissolveu as antigas estruturas sociais e provocou, com a massa dos assalariados, uma mudança radical na composição da sociedade, no seio da qual a relação entre capital e trabalho se tornou a questão decisiva — questão que, sob esta forma, era desconhecida antes".

* "As estruturas de produção e o capital tornaram-se o novo poder que, colocado nas mãos de poucos, comportava para as massas operárias uma privação de direitos, contra a qual era preciso revoltar-se".

* "A questão da justa ordem da colectividade entrou numa nova situação".

Nesta nova situação, a caridade tornou-se alvo de uma fortíssima acusação: "As obras de caridade — as esmolas — seriam na realidade, para os ricos, uma forma de subtraírem-se à instauração da justiça e tranquilizarem a consciência, mantendo as suas posições e defraudando os pobres nos seus direitos".

Então, aquilo que se exigiria, era a Justiça: a distribuição das "estruturas de produção e capital" por todos. Se isso acontecesse, a caridade já não seria precisa para nada, porque as pessoas já teriam aquilo que lhes era necessário para terem uma vida digna.

O Papa acrescenta que esta crítica tem muito de verdade, mas também muito de erro.

No nº 27, Bento XVI diz que embora a Igreja tenha demorado bastante tempo a perceber que a questão da justiça tinha mudado, foi depois construindo toda uma reflexão sobre este assunto, que constitui, no seu conjunto, aquilo a que chamamos a Doutrina Social da Igreja. Essa reflexão não é para impor modelos políticos ao Estado, mas para ajudar o Estado [os políticos] a

escolher os meios mais de acordo com "a razão natural" para atingir a Justiça.

- x -

Naturalmente que, se a relação entre a Justiça e a Caridade é das que mais acesas discussões suscita no interior da Igreja, este foi também o ponto mais discutido, defendido ou atacado, desta Encíclica do Papa. A tese do Papa é que "a construção de um ordenamento social e estatal justo, pelo qual seja dado a cada um o que lhe compete, é (...) uma tarefa política, [que] não pode ser encargo imediato da Igreja. "A sociedade justa não pode ser obra da Igreja; deve ser realizada pela política.". "A Igreja não pode nem deve tomar nas suas próprias mãos a batalha política para realizar a sociedade mais justa possível".

Pareceria que estas afirmações poderiam contradizer de algum modo outras posições da Doutrina da Igreja, nomeadamente a afirmação dos bispos no Sínodo sobre a Justiça no Mundo, em 1971, quando afirmam que "a luta pela justiça aparece-nos como constitutivo no anúncio do Evangelho".

Todavia, a afirmação de que a Igreja não pode nem deve tomar nas suas próprias mãos a batalha política para realizar a sociedade mais justa tem que ser lida em simultâneo com o reverso da medalha apresentado logo a seguir: Mas a Igreja "também não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça".

A ideia de Bento XVI, então, é que a luta pela Justiça continua a ser um dever e um imperativo para a Igreja. Simplesmente, Bento XVI equaciona a intervenção da Igreja na luta pela justiça a partir de duas distinções: distingue a intervenção imediata da intervenção mediata e a intervenção dos leigos, enquanto cidadãos, da intervenção da Igreja enquanto instituição. Assim,

a) A Igreja institucional (os bispos, digamos assim) não deve tomar nas suas mãos, de modo imediato, a construção da sociedade justa. E porque não? Não, diz o Papa, porque isso seria a Igreja invadir o campo da autonomia das realidades temporais, o campo das competências específicas do Estado. Bento XVI supõe um Estado medido também ele, *intrinsecamente*, pela justiça, e recorda uma máxima de Santo Agostinho: "um Estado que não se regesse segundo a justiça,

reduzir-se-ia a um grande bando de ladrões".

b) Mas a Igreja institucional deve (e está profundamente obrigada a isso) *empenhar-se pela justiça, trabalhando para a abertura da inteligência e da vontade às exigências do bem; purificando a razão através da formação ética.*

c) Os cristãos leigos devem ter um empenhamento imediato na luta pela justiça, através da intervenção política, não porque sejam cristãos, mas porque são cidadãos. Todavia, a exigência da fé aumenta a responsabilidade na sua intervenção, quer no plano da participação (votar, candidatar-se a cargos políticos, etc.), quer no plano da aplicação efectiva dos critérios éticos (leis que promovam a justiça, orçamentos que respeitem o bem comum, políticas que libertem da pobreza, etc.): Os cristãos leigos "não podem abdicar «da múltipla e variada acção económica, social, legislativa, administrativa e cultural, destinada a promover orgânica e institucionalmente o bem comum»".

d) Os cristãos leigos, enquanto membros vivos da Igreja de Cristo, participam naturalmente da intervenção mediata, feita pela reflexão ética.

Chegados aqui, temos muito clara uma ideia: afinal a luta por uma sociedade justa toca, e toca profundamente, à Igreja, embora esta intervenção se processe a níveis distintos e de modos diferenciados. **Para nós, leigos, importa sublinhar que Bento**

XVI insiste na importância da intervenção política activa como o modo próprio de contribuírmos para a realização de uma sociedade mais justa. Falta acrescentar uma coisa que, apesar de ser evidente, pode escapar: a sociedade mais justa é aquela querida por Deus, ele que é Justo e Pai de todos os homens e não só de alguns...

A injustiça é sempre um não cumprimento da vontade de Deus.

Portanto, a intervenção política concreta dos leigos, iluminada pelos critérios éticos que a Igreja vai formulando, é um modo essencial de construirmos o Reino de Deus.

Mas há ainda a questão da caridade! Não será a caridade contra a justiça (por a adiar!), ou ao menos inútil depois de cumprida a justiça?

Bento XVI responde: mesmo imaginando a mais justa de todas as sociedades, continua a haver sempre espaço para a caridade, porque a necessidade de amor, acolhimento, carinho, que as pessoas têm não se limita a questões materiais. Haverá sempre sofrimento, solidão: é da própria natureza humana... E, portanto, haverá sempre a necessidade da caridade. Mas, mais grave ainda, a mera justiça socioeconómica está muitíssimo longe de ser atingida e provavelmente nunca o será. Até neste campo da pobreza e da exclusão social, enquanto lutamos activamente pela justiça, temos que continuar activamente exercendo a caridade.

Claro que alguém poderia dizer que a Igreja institucional se

reserva uma posição muito cómoda, "limitando-se a falar". Pelo contrário, parece, a questão é mesmo que fale! Não só em documentos papais, universais, mas também ao nível local, procurando aí princípios mais ajustados às situações concretas (Octogésima adveniens, 4). Que a Igreja, enquanto tal, erga a sua voz como Amós, denunciando as situações de injustiça e apontando caminhos de justiça, e que não use daquela prudência - de que fala Amós - que obriga a ficar calado, "porque este tempo é mau". Bento XVI, pedindo como tarefa à Igreja, enquanto tal, o contributo que lhe cabe dar para a "abertura da inteligência e da vontade às exigências do bem" nos tempos que correm, não pede pouco. Sob o ponto de vista das exigências e da prática da justiça, "este tempo é mau".

Diante da corrupção, da apropriação desigual dos bens, do desemprego provocado pela deslocalização das empresas e outras manobras de lucro fácil, da exploração do trabalho infantil, da exploração dos doentes (por exemplo, com preços exorbitantes em medicamentos únicos), da fuga aos impostos, da falta de acesso à água potável, do racismo, do tráfico de seres humanos..., uma pergunta virase para nós próprios: "E tu, mãe-igreja, o que chamas a isso?". A resposta é de acção, pela reflexão e pela participação. Mas exige incontornavelmente muita coragem. □

10 milhões de estrelas

A Cáritas Portuguesa volta a lançar este ano a campanha de Natal "10 milhões de estrelas-um gesto de Paz". O principal objectivo desta campanha é a solidariedade para uma causa internacional, associada ao gesto simbólico de acender uma vela.

Em 2007 a campanha servirá para apoiar um projecto de apoio a mulheres em risco promovido pela Cáritas de Angola. Para além disso, uma parte das receitas pode ser aplicada em projectos locais no âmbito do apoio às mulheres em risco. Na diocese de Coimbra, como nos anos anteriores, essas receitas serão administradas directamente pelos Grupos que promoverem a campanha.

Estas receitas são obtidas pela venda de uma vela (1 euro), a ser acendida na noite de Natal. As velas estão disponíveis em packs de quatro (4 euros), com diferentes cores simbolizando o tempo do advento.

Algumas dioceses promovem igualmente manifestações públicas.

Sob o Signo da Mudança

Num tempo de mudanças tão rápidas, quem está mergulhado no mundo fica necessariamente mergulhado na mudança. A Cáritas - sob este aspecto - afigura-se como uma das instituições da Igreja mais implicadas no ritmo da mudança.

Outrossim, sem um núcleo identitário inequívoco e conscientemente assumido, facilmente qualquer instituição fica sujeita às modas da mudança, perde as referências de sentido, autodestrói-se.

A mudança que se pede como vaga não é ritmada pela moda nem resposta de gestão ao imediato. A mudança é condição de vida, mas é a vida que deve gerir a mudança.

No início de mais um ano pastoral, a Cáritas de Coimbra sabe que tem que gastar muita energia para responder às mudanças da sociedade e para responder aos efeitos perversos que as modas acarretam. Mas a nossa postura é a da vaga de fundo que percorre a humanidade desde há dois mil anos: libertação da humanidade com os olhos em Cristo Crucificado.

A Diocese de Coimbra dedica este ano à avaliação do último plano pastoral. A Cáritas diocesana, participante activa desse plano no âmbito social, vai dedicar este ano a esta dimensão do trabalho: a avaliação. A avaliação é uma condição de crescimento.

C.N.

"Ocupação de Tempos Livres encerra com pompa e circunstância"

O título acima é citado do jornal "Serras da Pampilhosa" e refere-se à festa de encerramento das Actividades do Centro de Actividades de Tempos Livres da Pampilhosa da Serra, no ano 2006-07, integrada no programa "Julho em Acção" promovido pela autarquia local em cooperação com diversas entidades, entre as quais a Cáritas Diocesana de Coimbra. O "Serras da Pampilhosa" destaca particularmente a incidência comunitária da festa, com o envolvimento e satisfação de miúdos, graúdos e instituições.

A foto ilustra um dos momentos da festa, toda ela à volta do tema: "Diferentes, iguais... Somos todos excepcionais!". O próprio tema torna dispensável chamar a atenção para o carácter pedagógico associado a esta realização, e, de resto, às realizações similares noutros Centros da Cáritas.

Talvez seja oportuno recordar que se deve à Cáritas de Coimbra algumas das primeiras iniciativas de Actividades de Tempos Livres para

crianças em idade escolar, na Diocese, algumas já na década de 60 (por exemplo, na Guia e em Celas), estas em regime de voluntariado local. Na década de 80 esta actividade ganhou um novo fôlego com a criação de centros específicos, inicialmente no âmbito das políticas familiares (Centros de Apoio à Família) e depois das políticas de acção social.

A actual tendência política é de minorar esta necessidade através do prolongamento do horário escolar com actividades de enriquecimento curricular, envolvendo directamente os municípios na gestão destas novas medidas. Independentemente de todos os outros problemas que giram em torno destas mudanças políticas (e não são poucos), a colaboração estreita entre os municípios e as Instituições Particulares de Solidariedade Social pode resultar também em favor das crianças e das próprias comunidades, de que esta actividade na Pampilhosa da Serra é um exemplo concreto.



Diferentes, iguais... Somos todos excepcionais!

Renascido aos 100 anos! Colónias de férias

O Sr. José dos Santos (na foto) celebrou no dia 24 de Setembro 100 anos de vida. Celebrou-os num Lar da Cáritas, o Lar de Nossa Srª da Encarnação, em Buarcos. Mas não é propriamente essa a notícia. Notícia é o milagre de rejuvenescimento com que ele celebrou este século de vida!

A história deste antigo engraiador da Rua Ferreira Borges (Coimbra), nascido numa aldeia de Góis, cruza-se com a Cáritas em 1999, quando foi solicitado ao Lar de Buarcos apoio domiciliário para ele e para a esposa. Encontrava-se então acamado há mais de 20 anos, segundo informação da filha. "Na primeira visita domiciliária - conta a Directora do Lar, Fátima Silva - encontrei-o com um barrete na cabeça, a tapar os olhos. Não respondia a perguntas e estava dependente de terceiras pessoas para todas as actividades de vida diária".

No ano seguinte, em Julho de 2000, a família pediu ao Lar um acolhimento temporário por 2 meses, com recomendação especial da dependência em que se encontrava. Durante esses dois meses o Sr. José começou a ser estimulado e gradualmente foi retomando comportamentos autónomos: alimentar-se por mão própria, vestir-se, reiniciar a marcha... Readquiriu também competências sociais, começando a manter conversas quer com as trabalhadoras, quer com os utentes.

No início de Outubro regressou a casa dos familiares. Mas foi o próprio Sr. José dos Santos que lhes pediu

para voltar para o Lar em regime de internamento permanente... Foi admitido em 2 de Abril de 2001.

"Neste momento - continua a Directora - é autónomo, mantém uma

esse segredo para a longevidade parece ser os bons hábitos de rotina diária e de alimentação, já o segredo para este rejuvenescimento um século depois de ter nascido vem

de maior rigor na avaliação que se faz dos mesmos. Um Lar, enquanto instituição, todos o sabemos, não é a solução ideal para o problema da Terceira idade. Mas também não é



lucidez incrível e ainda pede à filha para ver algumas temáticas nas enciclopédias para nos fazer os exames diários!"

Essa vitalidade, aliás, pôde ser testemunhada por todos os presentes na sua festa de aniversário, na alegria, na espontaneidade da resposta às "provocações" carinhosas que lhe eram lançadas, no domínio da gaita de beijos ou nas cantigas.

claramente doutro lado: da D.ª Fátima Silva, do carinho, atenção e alegria com que tem acompanhado este utente, e a quem ele chama o seu "anjo", bem como do acompanhamento de todos os outros profissionais do Lar.

Este "caso de vida" pode servir também como ponto de partida para uma reflexão sobre os lares de idosos, no sentido de procurar atingir critérios

necessariamente a pior solução; pelo contrário, pode ser até a melhor das respostas, dentro dos condicionamentos da vida familiar, da idiossincrasia do próprio idoso e da "competência técnica" e "formação do coração" (Bento XVI), do pessoal que nele trabalha.

No caso do Lar de Buarcos, o primeiro aniversário centenário ali celebrado testemunha isto mesmo.

Durante os meses de Verão a Cáritas Diocesana de Coimbra promoveu a realização de três Colónias de férias na Praia de Quiaios, para crianças dos Concelhos de Pombal, Soure, Figueira da Foz e Montemor-o-Velho. As Colónias foram promovidas em colaboração com as respectivas Autarquias e outras entidades locais, nomeadamente instituições de solidariedade social e associações culturais e desportivas.

Para além disso, o Parque da Cáritas em Quiaios esteve ocupado com Colónias promovidas por outras entidades de diversos pontos do país, algumas das quais procuram os serviços desta infra-estrutura de há vários anos para cá.

Fraldas!

As necessidades mudam com o tempo. Ora uma das necessidades hoje mais sentidas, na ajuda familiar concreta, são as fraldas! Nestes dias, por exemplo, nasceram três crianças em famílias problemáticas e sem recursos económicos no Bairro da Rosa. A Cáritas tem pedido regularmente algum apoio às empresas que comercializam este tipo de produto, mas as respostas, apesar de generosas, não chegam para as necessidades.

Se os GASC ou pessoas particulares quiserem ajudar, esta é uma acção muito concreta e necessária.

Pausa

A começar por mim

Um tal Bales gastou os melhores anos da sua vida a estudar a dinâmica dos grupos e das organizações. Dos diversos modelos teóricos que elaborou para a compreensão do funcionamento interno dos mesmos, trago aqui o chamado “modelo tridimensional do comportamento pessoal”.

Segundo este modelo importa reter duas coisas:

1. Cada pessoa, dentro de um grupo (por exemplo, grupo sociocaritativo) está num lugar determinado pela posição (base ou topo), pela gestão dos afectos e das relações (positivo ou negativo) e pela motivação/cooperação para com os objectivos do grupo (para a frente ou para trás).

2. Cada pessoa procura arrastar as outras para o lugar onde está.

Vai daí, se uma pessoa é o animador do grupo (topo), está muito motivada pelos objectivos do grupo (para a frente) mas é “muito senhora do seu nariz” (negativo), o grupo tende a atingir os objectivos, mas com insatisfação dos membros; ou se uma pessoa está na base, desmotivada e é agressiva, das três uma: ou sai ela, ou a obrigam a sair, ou o grupo acaba por ser totalmente minado; se, noutro exemplo, uma pessoa está no topo, mas está desmotivada e discrimina as pessoas da base, o grupo está a afundar-se; e por aí fora...

Claro que este modelo não é a chave absoluta para o que se passa nos grupos e nas organizações. Mas tem a vantagem de colocar cada pessoa, cada um de nós, no centro do que se passa no nosso grupo. No início de um ano dedicado “à avaliação” tal modelo pode revelar-se extremamente útil, porque nos obriga a começar a avaliação por nós mesmos. Por exemplo: no grupo sociocaritativo, em que lugar estou?, que motivação tenho?, crio bom relacionamento entre todos ou corto na casaca dos outros quanto posso?...

Relance

*Com a pele crística do orvalho matinal
caminhava para norte, mas sem sentido.*

Todo ele era velho,

sem que se pudesse dizer a idade.

E da cabeça aos pés

era uma não-presença gritante.

Vi-o num relance, nuns milésimos de segundo retirados

ao nervosismo do trânsito cittadino;

não deu para o fixar, mas sei que era ele - ungião

e marginalizado - rei e farrapos - recalçado

no inconsciente

da cidade que acorda.

Lamentei-o. Mas não tive a coragem

de o encontrar.

(C.N.)

Cáritas 2007

Pela dignidade, igual oportunidade

Cáritas de Coimbra

Suplemento Movimento - n.º 352

Suplemento do Correio de Coimbra, com a colaboração da Cáritas Diocesana, de informação, formação, estudo da caridade, denúncia profética, iniciativa e diálogo.

5º Fórum das Migrações da Cáritas Europa

Construindo pontes ou barreiras?

Comunicado Final

Com a participação de cerca de 120 participantes, oriundos das diversas Cáritas de todo o mundo, realizou-se na Costa da Caparica, de 20 a 22 de Setembro, o V Fórum das Migrações da Cáritas Europa sob o lema: “Construindo pontes ou barreiras? – Explorando as dinâmicas entre migrações e desenvolvimento”.

A realização deste Fórum foi fundamental para promover no interior da Rede Cáritas uma

das comunidades de imigrantes presente e activista em “advocacy” para a inclusão de imigrantes em projectos de desenvolvimento, sublinhou que: “há 15 anos atrás nós lutávamos para que os Governos e as ONGS percebessem e aceitassem que nós, os imigrantes, devíamos contribuir para o desenvolvimento dos nossos países de origem. Agora, temos de lhes dizer: não toquem nas nossas remessas em dinheiro, esse

José Magalhães, o qual participou no painel que reflectiu sobre “Mobilidade humana – uma necessidade baseada nos direitos” e que, a propósito, afirmou: “Estamos a viver uma forma sem precedentes de globalização da imigração e, esta, requer uma nova resposta da nossa parte, que tenha em atenção políticas justas de integração, bem como uma nova lei laboral bem regulamentada. Todas estas questões irão estar presentes na agenda da Presidência Portuguesa da União Europeia, aquando da realização, em Dezembro deste ano, da Cimeira EU/África. A Cáritas Europa irá seguir com toda a atenção os trabalhos da cimeira e aproveitará a ocasião para fazer algumas recomendações saídas dos trabalhos do V Fórum de Migrações.

No discurso de encerramento do Fórum, D. Nicholas A. DiMarzio, Bispo de Brooklyn, acentuou que “a relação entre Migrações e Desenvolvimento não é unidireccional” acrescentando “que, quando baixa o nível de desenvolvimento dos países, estes, podem passar de países de imigração a países de emigração mas, pelo contrário, um país de emigrantes poderá transformar-se num país de imigrantes devido a um desenvolvimento sem precedentes. Contudo, é necessário fazer uma análise interessada, holística e pormenorizada, a longo prazo, para que possam ser entendidos todos os aspectos deste fenómeno”. “Também, como afirmou Patrick Taran, especialista em migrações da Organização Internacional do Trabalho, estas abordagens devem ter sempre como ponto de partida os valores fundamentais do ser humano, assim como leis laborais justas e equitativas”.

A Cáritas Europa está verdadeiramente interessada em promover a reflexão destes temas, para que seja entendido que, a imigração forçada é potenciadora da pobreza e das desigualdades económicas e sociais e, que, esta imigração forçada existe, em consequência da existência de guerras, fome, desastres naturais, perseguições ou desigualdades no acesso aos recursos naturais. A erradicação da pobreza está profundamente enraizada em toda a Rede Cáritas. A opção preferencial pelos pobres, compromete toda a organização neste combate contra a pobreza pois, esta, priva os povos da sua dignidade humana. Tal como preconiza o Plano Estratégico 2007/211, aprovado na Assembleia Geral da Cáritas Internationalis, que se realizou em Junho deste ano, o Desenvolvimento Integral do Ser Humano é o objectivo fundamental dos esforços da Cáritas, com vista a eliminar a pobreza degradante que força os povos a migrar.

Departamento de Migrações da Cáritas Europa



NEVES

coordenação sustentada entre os recursos e a experiência adquirida, que deverá marcar o trabalho de “advocacy” para as Migrações e Desenvolvimento da Cáritas nos próximos anos.

Tendo em conta as implicações destatemática, a nível global, o Fórum contou com a presença de diversos especialistas em migrações e desenvolvimento, provenientes das diferentes organizações que compõem a Confederação Caritas Internationalis.

A este propósito, Lesley-Anne Knight, Secretária Geral da Cáritas Internationalis afirmou “que a globalização leva-nos a pensar nos imigrantes como uma fonte de recursos económicos, contudo, eles não são uma forma de capital – eles são maridos, são esposas, mães, pais e filhos. Neste sentido, a Caritas tem sempre em linha de conta o impacto das migrações, em cada pessoa que imigra, e nas suas respectivas famílias, as quais são pessoas com rosto e com nome”.

No decorrer dos trabalhos do Fórum os participantes organizaram-se em sete grupos de trabalho para reflectirem sobre diversos temas relacionados com a problemática das Migrações e Desenvolvimento. As várias conclusões surgidas destes grupos de trabalho irão contribuir para a redacção de um documento com a posição da Cáritas Europa sobre a forma como se irá desenvolver o seu trabalho nesta área.

Um dos participantes nos grupos de trabalho, membro de uma

dinheiro é nosso e nós é que sabemos como o devemos aplicar no desenvolvimento dos nossos países”.

Ainda no âmbito dos grupos de trabalho, uma das conclusões finais sublinha que, em geral, os imigrantes colaboram com as instituições que os apoiam e que esta parceria poderá potenciar o impacto das iniciativas para o desenvolvimento, financiadas pelas remessas dos imigrantes.

A rede Cáritas tenciona aumentar a sua colaboração com diversas organizações, com o objectivo de potenciar as capacidades e o envolvimento das comunidades locais nos seus programas de combate à pobreza. Os participantes do Fórum afirmaram com unanimidade, que a capacitação de todos os envolvidos nos diversos projectos, é a chave para o sucesso, a longo prazo, dos mesmos.

Esta forma de parceria assegurará o acesso garantido aos recursos disponíveis, providenciando empréstimos e o uso de microcrédito, acções de formação, bem como assessoria técnica. A experiência adquirida, em projectos anteriores, deverá enriquecer as Igrejas e as redes sócio-caritativas, envolvidas em acções de “advocacy”, para se conseguir uma justa e equitativa aplicação de políticas aos diferentes níveis.

A realização do V Fórum de Migrações da Costa de Caparica, reflectiu a colaboração havida entre a Cáritas Europa a Presidência Portuguesa da EU. Desta forma, esteve presente o Secretário de Estado da Administração Interna, Dr.